

Criação e crítica literária

JOÃO ALEXANDRE BARBOSA

A leitura de livros de crítica e a experiência, às vezes árdua, do ensino de literatura, acrescida naturalmente pela tarefa semanal da anotação crítica, fazem-me pensar constantemente nos limites entre a crítica e a criação literária. Não sou daqueles que pensam ser este um problema bizantino. Pelo contrário, chego a vê-lo como substância essencial para quem pretenda enfrentar conscientemente a responsabilidade de crítico. Já afirmei aqui mesmo, ou se não afirmei, subscrevi o que já se afirmou, que acredito ser a crítica um gênero literário. Por isso, é para mim muito importante entender esta atividade como estreitamente relacionada com a operação transformadora da linguagem. Mas, veja-se bem, quando se diz transformadora nem sempre se está a dizer mistificadora. A transformação aí usada tem uma referência direta com uma possível intensificação da realidade por meio da expressão verbal que é, quando menos, um trabalho de criação. Análise e juízo de valor são termos de uma atividade que se torna legítima na medida em que a sua expressão corresponde a um acréscimo de visão daquilo que se analisa ou se julga. É, então, verdadeiramente importante que o crítico seja um escritor, isto é, alguém cuja personalidade se desdobra através de suas análises e julgamentos em um tempo de procura, de investigação, de identificações, de harmonias e desarmonias que marcam a sua presença. O conteúdo de verdade de um trabalho crítico tem que ser sempre apurado de acordo com uma certa dose de ceticismo, de tal maneira sobre ele trabalha a ação relativa dos esquemas. Desde os teóricos aos históricos. Sobre as palavras pronunciadas como definitivas por um crítico hão de pesar sempre as variações da confirmação histórica. Sem ser um profeta propriamente, a sua atividade possui também o aleatório das profecias, o incerto das decisões históricas. Por mais

que o evite, persegue-o a visão do risco, da aventura. Dentro de um círculo cerrado, a sua delícia reside aí mesmo: o que já se chamou de “aventura do espírito entre os livros”. Ou a determinação daquele “vínculo espiritual” requerido por Goethe. Permanecer aí, entretanto, seria negar-se: o campo é o da afirmação decidida. Estabelecem-se relações, constroem-se axiomas, elaboram-se teorias. Mas tudo isso só ganha sentido quando sofre a manipulação indispensável da expressão coerente, arremessando o leitor para os planos mais íntimos da reflexão. Ou tudo não será mais do que simples constatação. Descrição de qualquer modo estatística. E, na verdade, o que pereniza o trabalho crítico é justamente o que nele há de menos estatístico: uma personalidade que encontra, por entre os veios de uma outra expressão, os caminhos da afirmação, as diretrizes de uma descoberta. Não se trata de obra feita por empréstimo, parasitária, mas de trabalho inovador desde que foi possível encontrar caminhos esquecidos, apontar trilhas desapercibidas. Acho que se fosse possível escrever um ensaio sobre as misérias e grandezas da crítica, o centro das primeiras estaria exatamente na dificuldade em manter esse difícil, mas fértil, mundo de inovação através do trabalho reflexivo. Como é claro, as segundas estariam precisamente marcadas pelo encontro raro entre o julgamento e a capacidade de incorporação de tudo aquilo que identifica o autor. Exatamente por isso, a verdadeira crítica, isto é, aquela que continua a operar através de numerosos juízos sobre uma dada obra, possui sempre o seu conteúdo, por assim dizer, memorialístico. É fundamentalmente a história de uma leitura, de um encontro entre leitor e obra, embora que elevados pelo pensamento e pela erudição. Eis aí por que falo do crítico como escritor e da crítica como literatura: uma maneira de ser por meio da linguagem.

Estas mesmas reflexões me foram sugeridas pela leitura de dois autores muito diferentes cujos ensaios abordam precisamente aspectos diversos (por serem outras as intenções) deste problema. Diferentes não apenas nos métodos e orientações mas, sobretudo, no tempo. Além de pertencerem a grupos culturais radicalmente distintos. O primeiro é René Wellek, professor da Yale University, e considerado como um dos principais críticos atuais em língua inglesa, um dos formuladores da “American New Criticism” – cuja recente obra, *Concepts of Criticism*, publicada pela Yale University Press, traz inúmeras sugestões para uma discussão do problema, dispersas por entre ensaios de

crítica principalmente histórica ou erudita. Obra esta para a qual quero reservar um espaço maior em possível artigo futuro, limitando-me aqui a chamar a atenção para alguns trechos que interessem ao problema que me propus.

O outro autor é Fidelino de Figueiredo, conhecido no Brasil principalmente pela sua *História da Literatura Portuguesa*, embora não me pareça ser a obra capaz de melhor definir-lhe o espírito. Trata-se exatamente de um dos volumes de seus *Estudos de Literatura*, provavelmente pouco conhecido, e que traz um ensaio cujo título é o mesmo deste artigo.

Mais precisamente, o ensaio referido encontra-se na segunda série dos *Estudos de Literatura* que corresponde a artigos vários escritos em 1917. É, como o próprio autor esclarece, uma espécie de adendo à obra *Crítica Literária como Ciência*, publicada em 1911.

Em primeiro lugar, quero referir algumas afirmações de Wellek que me parecem importantes para pôr o problema das relações entre a criação e a crítica literária. Afirmações estas que, embora espalhadas por todo o livro, se encontram principalmente em dois ensaios: “Literary Theory, Criticism and History” e “The Crisis of Comparative Literature”.

No primeiro, partindo de postulados já assentados por ele e por Austin Warren na obra que escreveram em conjunto – *Theory of Literature* –, defende Wellek a colaboração entre três disciplinas que lhe parecem distintas: Teoria Literária, Crítica e História. “Elas se imbricam tão intimamente que torna inconcebível teoria literária sem crítica ou história, ou crítica sem teoria ou história ou história sem teoria e crítica” (WELLEK, p. 1). Partindo desta afirmação, passa a estudar os diversos campos do estudo literário, chegando a considerar o problema das relações entre a crítica e a criação literária no seguinte trecho:

Não acredito que o crítico é um artista ou que a crítica é uma arte (no sentido moderno estrito). Seu objetivo é o conhecimento intelectual. Não cria um mundo de ficção imaginativa tal como o mundo da música ou da poesia. A crítica é o conhecimento conceitual, ou aspira a tal conhecimento. No final, almeja o conhecimento sistemático da literatura, a teoria literária. (WELLEK, p. 4)

Por outro lado, no segundo ensaio mencionado, depois de estabelecer as causas daquilo que lhe parece ser responsável pelo crescente descrédito da Literatura Comparada, procura definir-lhe os objetivos, afirmando:

Não deve ser um cientificismo neutro, um indiferente relativismo e historicismo, mas uma confrontação com os objetos na sua essência: uma desapaixonada porém intensa contemplação com a qual surgem as análises e finalmente os julgamentos de valor. Desde que se apanhe a natureza da arte e da poesia, sua vitória sobre a morte e o destino, sua criação de um novo mundo da imaginação, as vaidades nacionais desaparecerão. O homem, o homem universal, o homem de qualquer lugar e tempo, em toda a sua variedade, emerge e a erudição literária deixa de ser um museu, um cálculo de crédito e débitos nacionais e mesmo um mapa de relações e originalidades. A erudição literária transforma-se em um ato da imaginação, como a própria arte, e verdadeiramente uma preservadora e criadora dos mais altos valores da mente humana. (WELLEK, p. 295)

Aí estão dois textos de um mesmo livro aparentemente antagônicos. Na verdade, lidos de modo ligeiro, parecem indicar uma enorme contradição. No primeiro, com o propósito evidente de libertar a crítica de uma passividade, tem-se a afirmação de seu caráter sobretudo conceitual. No segundo, entretanto, procurando livrar os estudos de Literatura Comparada do excesso estatístico esterilizante, Wellek chega a afirmar ser a erudição literária “um ato da imaginação”. Como explicar isso? Deveremos acreditar em um espírito de formação filosófica como a do crítico tcheco?

Estas dúvidas poderão ser liquidadas pela leitura mais atenta de ambos os textos. Observe-se como, no primeiro, o crítico fala sempre em **objetivo** da crítica e não em seu funcionamento. Não se trata ali, evidentemente, de estabelecer os veículos de percepção crítica, mas de definir o seu campo específico, isto é, a compreensão racional da obra literária. Como, por outro lado, no segundo, a preocupação de Wellek não se refere mais a um objetivo interior da crítica, mas a uma forma de atividade do espírito do homem, isto é, atividade também criadora que impulsiona e persegue um conhecimento sistemático de uma arte. Sendo assim, desaparece a aparente e estranha contradição. O objetivo da crítica é, na verdade, uma forma de conhecimento, mas uma forma que, por ser tal, só se atinge por aquele “ato de imaginação” por Wellek referido. Quer isto dizer, então, que, ao exercitar a crítica, o escritor não se propõe a criação de uma obra de arte, como um poema, uma novela, mas um esforço de compreensão que será maior na medida em que a sua atividade coincidir com a própria essência da obra, do autor ou do pro-

blema que ele procura entender. Mas como aquilo que se lhe oferece é, sobretudo, uma peça de linguagem, a participação só se revela integral por sua capacidade em utilizar também o meio de comunicação que lhe é específico. Em síntese, é primeiramente como escritor que o crítico revigora o seu estudo analítico. E o revigora criando dimensões que poderão ser desconhecidas do próprio autor analisado, sem deixarem de ser decorrentes da obra.

Aliás, é precisamente esta a idéia central do ensaio de Fidelino que, em primeiro lugar, me sugeriu este artigo. Sugestão que teve dois móveis principais: de um lado, a própria idéia ou tema do ensaio e, de outro, o fato de me revelar uma outra dimensão do crítico português que já estimava como crítico erudito, embora não me convencesse como historiador da *História da Literatura Portuguesa*, isto é, como autor de obra de síntese.

Antes de mais nada, chamo a atenção do leitor para o fato de como ocorre com Wellek aqui registrar-se, mais uma vez, a polaridade essencial da crítica. Como já ficou dito, o ensaio de Fidelino é uma espécie de complementação de sua *Crítica Literária como Ciência*, isto é, uma forma de evitar a unilateralidade mentirosa que poderia sugerir a obra de 1911.

E logo de início Fidelino procura explicar a leitura de sua obra anterior:

Então desejávamos reabilitar esta (a crítica) disciplina, já não tão cultivada praticamente e também tão discutida teoricamente, perante aqueles espíritos objetivos, que só acatam as conclusões dos métodos positivos, e particularmente em nós próprios desejamos poder enraizar a convicção que o objeto dos nossos estudos não era campo aberto por onde a fantasia vagueasse a solta. (FIGUEIREDO, p. 173)

Assim explicada a origem da obra de 1911, Fidelino estabelece os motivos essenciais que o levaram a composição deste ensaio:

Hoje o mesmo sentimento nos leva a procurar aproximadamente medir a quantia de criação original que o trabalho crítico pode comportar. Não se trata de com nova interrogação fazer simetria à primeira, de fazer corresponder à primeira – que há de científico na crítica literária? – a segunda – que há de artístico na crítica literária? Falando de criação, não damos a esta o significado de ressurreição artística, mas o mais amplo de inovação. (...). Ora, esta criação é que nós plenamente cremos que pode existir, e repetidamente tem existido na crítica literária, quando a cultivam espíritos de eleição, ricos do dom excepcional de saber não só examinar e apreciar obras de arte, mas

também em toda parte sabendo discernir a beleza da rudeza e prontamente sabendo surpreender todas as correntes intelectuais com uma especial intuição da consciência individual e coletiva. (FIGUEIREDO, p. 173-174)

Desta maneira, entendendo assim a crítica como criação no sentido de inovação, Fidelino procura demonstrar os seus argumentos através do estudo das obras e da posição literária de alguns críticos como Boileau, Herder, Bielinsky, Sainte-Beuve e De Sanctis.

De cada um destes cinco críticos, vai Fidelino mostrando os méritos inovadores, perguntando sempre, em forma de estribilho: “Isto posto, perguntamos: não foi fulano um alto espírito criador?”. Ou, ainda, “fazer tal construção teórica não é obra de criação?”. Ou, mais uma vez, “não será esta perene atualidade obra de criação?”. Para, como conclusão, afirmar de modo categórico: A “crítica assim praticada não envelhece, não caduca com os progressos da erudição, porque lhe atribui um viço permanente a originalidade do espírito que a praticou” (FIGUEIREDO, p. 200).

Vê-se, deste modo, que o método adotado por Fidelino para estudar as relações entre a crítica e a criação literária é o mesmo para sustentar a tese de sua obra de 1911: um certo dar-de-mãos com o positivismo, com o cientificismo, tentando provar a criatividade da crítica pelos méritos da inovação do sistema. É a procura do estofo criador que existe até mesmo nas ciências. Ou aquela “linguagem simbólica”, referida por Cassirer ou Langer. A que apenas acrescentaríamos, como essencial, aquele “ato da imaginação” do “scholar” Wellek. E, com isto, fechamos o círculo das sugestões de uma leitura simultânea.